



## O MAL EXECUTADO POR PESSOAS NORMAIS E SENSATAS: DOS HORRORES DO NAZISMO À MODERNIDADE LÍQUIDA

Fernando Zan Vieira<sup>1</sup>  
Waislan Nathan Ferreira Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** *Uma conexão entre banalidade do mal e modernidade líquida frente às necessidades de se pensar a ética na contemporaneidade.*

**Palavras-chave:** Banalidade. Filosofia. Nazismo. Sociedade.

### Introdução

Esse resumo consiste em problematizar e refletir sobre os conceitos Banalidade do Mal e Modernidade Líquida no contexto nazista e seus reflexos na sociedade vigente fundamental para a compreensão dos dilemas éticos da contemporaneidade em consonância com a problematização acerca dos direitos humanos.

### Objetivos

Desenvolver a discussão em torno do conceito Banalidade do Mal da Filósofa Hannah Arendt

Discorrer sobre o conceito modernidade líquida elaborado pelo Sociólogo Zigmunt Bauman

### Metodologia

O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa Bibliográfica, com ênfase em referenciais teóricos da: Filosofia Contemporânea ressalta-se a ainda que a principal referência que fundamentará a discussão é da filósofa e escritora Hannah Arendt em seu livro Eichmann em Jerusalém (1999) e Zigmunt Bauman com seu livro Cegueira Moral (2014).

### Resultados/Resultados parciais e discussão

Apresenta-se como resultado que a elasticidade moral dos indivíduos, bem como a indiferença para com o outro esta ligada a razão instrumentalizada do indivíduo, inseridas e produzidas dentro de um contexto social, onde o único viés contraria a esse a caminho é a educação.

<sup>1</sup>Professor Orientador (FACULDADE SANT'ANA), ferzanvieira@gmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmico de Licenciatura em Filosofia, 6º período, IESSA, waislan.nathan@yahoo.com.

## Banalidade do Mal

Ao classificar o mal de banal, Arendt (1999) enfrentou uma série de críticas da classe conservadora e da comunidade judaica, e sua principal acusação era que ela tinha isentando os nazistas e culpado os judeus. Contudo, Arendt (1999) levanta o aspecto de que a profundidade do colapso moral afetou inclusive as vítimas. Ao haver um desgaste da racionalidade os inocentes passaram a pensar sobre o processo de lógica nazista, e não se tratava de acusar ninguém de colaboração era luta por sobrevivência num ambiente de inversão moral. Até os dias atuais o pensamento de Arendt (1999) é mal compreendido em alguns meios; e, carregado de polêmica por se tratar de um estudo sobre um acontecimento que chocou a humanidade e que ainda está presente na memória de cada indivíduo.

Portanto, segundo Arendt (1999), o mal é “banal” quando aquele que o comete é incapaz de julgar o que fez, e torna-se assim cometido dentro de um sistema tecnocrático, no qual indivíduos morais são levados a cometer atos imorais, muitas vezes de forma consciente, simplesmente porque esses atos foram recomendados por “especialistas”. Portanto, toda a malha de execução do plano nazista dependia de toda a população de algum modo e em graus diferentes, e isso era encarado pela maioria de modo normal. Observa-se que dentro da lógica racional nazista bárbaries cometidas do ponto de vista político-econômico tendem a ser aceitas pelas pessoas como sendo meramente soluções técnicas.

Arendt (1999, p. 84) diz que a essa banalidade

[...] desafia as palavras e os pensamentos”, como lição do “longo curso de maldade humana” que foi o nazismo. Pode-se concluir que o mal se materializou na forma de uma rotina tão enfadonha quanto macabra, sem que se refletisse sobre ele, em qualquer perspectiva. Não é o mal realizado como missão, pois isso pressupõe que quem comete o mal admite que se trata do mal; na verdade, é o mal executado como um gesto tão entranhado, tão *banal*, que não suscita nenhuma ponderação.

O mal é extremamente ordinário e enraizado no cotidiano da humanidade. Assim, retira-se a característica de uma praga a ser exterminada. Um foco concentrado a ser exterminado trata-se de um mal pulverizado, espalhado pela sociedade sem personalidade adaptável a qualquer indivíduo.

Todavia, reconstrói-se uma culpa que é muito mais profunda, inconsciente e coletiva, porque jamais chegaram a questionar a realidade que viveram, onde indivíduos devidamente manipulados psicologicamente condicionados que, a partir de então, são capazes da maldade obedecendo ordens emanadas de um Führer, que assume toda a responsabilidade dos atos que aconteceram na Alemanha Nazista, num processo de inversão moral que aplacou todos os setores da sociedade, e que não se tratava da isenção de um ou outro no alto escalão do partido Nazista. Arendt (1999) analisa que era necessário observar certa distinção entre os graus de responsabilidades dos líderes do movimento totalitário e da grande massa burocrática que cumpria friamente as ordens da cúpula nazista.

Tratava-se de um processo de liberdade humana e não como fatalidade, sendo assim Hannah Arendt levanta hipóteses sobre as consequências e os perigos das atividades de pensar tanto quanto a de isenção do pensamento onde pode levar a maldade.

## **Modernidade Líquida**

Destaca-se aqui a fala de um dos maiores sociólogos da contemporaneidade que cunha o termo: modernidade líquida, e que identifica de forma brilhante a análise do processo social de um ângulo bastante peculiar: Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2014, p.16), que afirmou que:

O Mal não está mais confinado a guerras ou as ideologias totalitárias. Hoje se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender o outro, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. Essa é a nova forma do mal, o formato invisível da maldade na modernidade líquida cegueira moral.

Buscamos intensamente nos enchermos, cada vez mais, dos produtos da indústria de consumo. Estamos insensíveis e indiferentes na esteira de produção que substitui o Ser para o Ter, provocando a morte da metafísica e dos valores éticos morais. A relação líquida moderna tem como padrão a lógica consumidor-mercadoria e a problemática aqui será no transplante desses padrões para as relações inter-humanas.

Na malha do consumo não existe laços resistentes, compramos mercadorias para satisfazer as nossas expectativas, ou até localizarmos um novo produto que atenda de forma mais eficaz a satisfação dos nossos desejos. Na cultura do consumo tudo é dispensável. Tais atitudes lubrificam as rodas da economia, mas joga-se areia nos rolamentos da moralidade.

## **Insensibilidade Moral**

A modernidade sempre foi, e continua sendo, obcecada por controlar o corpo, a alma, os sentimentos e as sensações dos seres humanos sem usar da violência física para isso, uma vez que os indivíduos não têm escolha sobre a forma de existência na sociedade de consumo que controla, fabrica e atualiza a cada dia os manuais de se viver das massas. O mal se espreita naquilo que tomamos como normalidade e trivialidade, e não nos casos de grandes horrores que presuponemos ser um mero acidente no percurso da humanidade.

Assim, Zygmunt Bauman conclui em seu livro Cegueira Moral que o fenômeno da perda da sensibilidade está na capacidade de não reagir, ou reagir não com pessoas, mas com objetos, coisas, e não seres humanos; tudo se torna desimportante se foge ao ciclo cotidiano do micro social.

## **Considerações Finais**

Essa foi uma análise reflexiva sobre os comportamentos humanos, mais especificamente, na sociedade pós-moderna desde a metade do século XX até os dias atuais, demonstrando que a maldade e os horrores contra a humanidade, e feita pela humanidade, não foi um acidente no percurso histórico nem de pessoas específicas carregadas de elementos diabólicos, mas executadas por pessoas assustadoramente normais e que são, biológica e psicologicamente, tão humanos como cada um de nós.

Assim, se faz necessário a criticidade sobre o conteúdo exposto. Espero que essa breve reflexão provoque a sensibilidade para o caminho que estamos trilhando e que continuemos a olhar o mundo de forma mais humana.

## Referências

ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um Relato Sobre a Banalidade do Mal. 20. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

.....

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: A Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.